

JOGOS DE ESPAÇOS: PRODUÇÃO DE ALTERIDADE E IDENTIDADES ESPACIAIS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JOSÉ LINS DO REGO

Diego José Fernandes Freire*

RESUMO

O presente texto tem por objetivo maior analisar a produção de uma alteridade espacial no romance *O moleque Ricardo* (1935), de autoria do romancista paraibano José Lins do Rego (1901-1957). Partindo de algumas contribuições teóricas de Edward Said, almeja-se discutir de que modo a representação da cidade do Recife, espaço onde se passa a história, contribui para constituir a identidade de um outro espaço, o engenho. Trata-se, pois, de um trabalho que investiga a relação de alteridade entre as espacialidades Recife e engenho Santa Rosa, situando-se no campo das representações e identidades espaciais.

PALAVRAS-CHAVE: Recife, Engenho, Representação, identidade espacial

ABSTRACT

The main goal of this text is to analyze the production of a spatial otherness in the novel *O moleque Ricardo* (1935), written by José Lins do Rego (1901-1957), from Paraíba, Brazil. Based on some theoretical contributions from Edward Said, we intend to discuss the way the representation of Recife (the city where the story takes place) contributes to mold another spatial identity, a sugarcane plantation. Therefore, the article is about investigating on the relation of opposition between Recife and Santa Rosa sugarcane plantation spaces, within the representation and spatial identities arena of discussion.

KEYWORDS: Recife, sugarcane plantation, representation, spatial identity

* Licenciado em História pela UFRN. Mestrando nessa mesma instituição no PPGH. Neste programa, desenvolvo a pesquisa sobre a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943).

Introdução

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente (SAID, 1995: 33).

Para iniciar nosso trabalho, é de grande relevância citar Edward Said, crítico literário que em 1978, publicou sua principal obra: *Orientalismo*. Neste livro, o autor discute a invenção do Oriente a partir de uma série de discursos ocidentais. Trata-se da investigação da construção do Oriente pelo Ocidente, a partir da experiência franco-britânica e norte-americana com o Oriente próximo. O objeto da obra é o que o autor chama de *orientalismo*: fenômeno político-cultural, composto de práticas discursivas e não discursivas que inventariaram uma região como sendo um Outro do Ocidente, isto é, como elementos que produziram uma alteridade espacial desta região. O Oriente, assim, seria o avesso, o oposto do Ocidente. A invenção do Oriente, feita pelo orientalismo, pode ser pensada também como um capítulo da construção identitária ocidental. Para definir esta região, foi preciso caracterizar uma outra região, entendida como o seu oposto. O Ocidente seria o contrário do Oriente e vice-versa. Entra em cena, pois, o jogo da alteridade. Como apontou Said, “o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastante” (SAID, 2007: 28).

A representação que o Ocidente fez do Oriente foi produzida de modo a se ter uma relação de contraste, de diferença radical. Aliás, Said deixa claro que uma das definições do Orientalismo consiste justamente no estabelecimento de um corte radical,

na *geografia imaginativa*¹ do mundo, entre Leste e Oeste (Said, 2007: 29). Só que esse corte radical serve muito mais, em termos identitários, para o Ocidente do que para o Oriente. O Orientalismo não está preocupado em saber se o Oriente é de fato como ele diz ser, não há a preocupação para a averiguação fidedigna, pois “o orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece seus mistérios por e para o Ocidente” (SAID, 2007: 51). O foco das representações, conceito caro ao autor, é sempre o Ocidente. As representações implicam em codificações do Oriente pelo Ocidente.

Dessa forma, podemos pensar que para se definir uma espacialidade, para arrolar suas características é fundamental que uma outra espacialidade lhe sirva de contraponto. Definições espaciais se dão também pelo jogo da alteridade, pela construção de um “nós” em oposição a um “eles”, como nos mostra o livro de Said. Tais discussões nos estimulam a pensar que a função da cidade, no romance *O moleque Ricardo* (1935), de José Lins do Rego (1901-1957), pode consistir justamente em ser o outro do engenho, ou seja, aparece na narrativa para afirmar a identidade desta espacialidade. Embora trate da cidade do Recife, ousamos dizer que a grande preocupação do literato não é com este espaço em si, mas sim com o banguê de sua infância². Discutir como José Lins forja o espaço urbano, de modo a servir como o outro do engenho, é o nosso intuito nesse texto.

Almejamos analisar a produção de uma alteridade espacial na narrativa romanesca de José Lins. Situando-nos no campo das representações e identidades espaciais, pretendemos mostrar e discutir as estratégias pelas quais o autor de *O moleque Ricardo* faz a cidade funcionar como o outro do engenho. Quais os caminhos que levam a cidade a contribuir para a afirmação de uma identidade espacial do engenho? É o questionamento que nos orientará neste trabalho. Inicialmente, abordaremos o corte geográfico feito entre o engenho e o Recife, para em seguida

¹ Estabelecimento de fronteiras geográficas imaginárias que atuam na “realidade”, ou seja, “essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é o “nosso”, e um espaço não familiar além do “nosso”, que é o “deles”, é um modo de fazer distinções geográficas que pode ser inteiramente arbitrário”. SAID, E. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 91.

² A centralidade do engenho pode ser aferida observando a própria capa da 1ª edição do romance, feita pelo desenhista Tomas Santa Rosa, apresentando fortes traços regionalistas, . Na ilustração observa-se que o engenho aparece ao fundo, como que atrás do rosto do personagem Ricardo. Outras edições do romance também concederam um destaque ao engenho.

adentrarmos em um elemento que consolida ainda mais este corte; a *representação*³ da cidade do Recife. O que nos move é uma investigação sobre a relação de alteridade que acreditamos existir entre a urbe e o banguê, relação essa vital para que se constitua a identidade espacial deste último.

Construindo a Diferença Espacial

Narrado em 3º pessoa, o romance de 1935 conta a história do jovem Ricardo, morador e trabalhador rural que deixa o engenho para “ganhar a vida” na cidade grande. Depois de passar a infância e adolescência na terra de seu patrão, Ricardo resolveu fugir do engenho Santa Rosa, seduzido pela promessa de viver uma nova vida na cidade do Recife. A história se passa basicamente neste espaço, nos agitados anos 1920.⁴ José Lins aproveitara a memória do período em que passara nesta cidade, quando fazia seu curso de ciências jurídicas (1919-1923), para elaborar seu romance. Como quase todos seus livros, a produção literária que examinaremos também foi um livro de memória, fruto da própria experiência de vida do autor. Sem dúvida, os anos vividos na capital Pernambucana foram vitais não só para a feitura da obra, mas também para as representações tecidas da cidade e, particularmente, do movimento operário.

Falar em alteridade espacial implica no reconhecimento da existência de uma diferença entre dois espaços. Só se tem relações de alteridade entre duas espacialidades se estas forem distintas. A alteridade espacial tem como pressuposto a diferença espacial. Nesse sentido, cumpre que investiguemos a produção da diferença espacial entre cidade e engenho antes de adentrarmos na relação de alteridade. Na *geografia imaginativa* do romance, há um corte espacial claro: engenho em um polo e cidade em

³ Usaremos no sentido de re-apresentar, de construir uma imagem, uma visão do objeto representado. Não se trata, de modo algum, de representação no sentido de representar um objeto ausente, de presentificar uma ausência nem tampouco de trazer o real. Ver: SAID, E. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 51,52.

⁴ Esta foi uma década de muitas agitações e transformações: reformas modernizadoras do governador Sergio Loreto, protestos do movimento operário, a questão da autonomia pernambucana, o movimento Regionalista-Tradicionalista de 1926, entre outras efervescências. Ver: REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade de Recife na década de 20*. Recife: Fundarpe, 1997.

outro polo. Tais espacialidades estão separadas, ou seja, aparecem como realidades espaciais distantes uma da outra.

A construção da diferença entre cidade e engenho, no livro ora em apreço, já se inicia nas primeiras páginas. Vejamos como a vontade de deixar as terras de sua infância vai aparecendo no protagonista Ricardo:

Todos os dias aquelle ir e vir de trens, aquelles passageiros de boné na cabeça e guarda-pó, o povo da segunda classe, os que iam a Recife, a Parahyba, a Campina Grande, gente fallando de feira, de cidades, de terras que não eram engenho, tudo isto fazia crescer a sua imaginação (REGO, 1935: 7).

O trecho acima citado evidencia que o personagem, ainda moleque, tem sua imaginação atizada por “terras que não eram engenho”. Aqui já se delineia um “além espacial”, ou seja, um espaço situado além do engenho. Mas não é apenas isso que fica claro, podemos ver também um espaço que não é um engenho. Aparece tanto a diferença em termos de distância quanto em termos de natureza: o espaço além do banguê era outro tipo de espaço. Nota-se aí a razão pela qual conseguiu seduzir Ricardo, na medida em que se apresentava como algo novo. O moleque deixará o banguê por terras que não só ficavam além da que morava, mas, sobretudo, por uma terra diferente daquela em que habitava.

A diferença entre o engenho Santa Rosa e essas outras terras é confirmada pela voz de uma personagem que consola a mãe do moleque na ocasião da fuga deste: “Foi melhor, mulher. Aqui nunca que tirasse o pé da lama. Lá por riba, só pode melhorar de condição” (REGO, 1935: 12). O “lá por riba” aponta para a distância espacial entre o engenho e o espaço para o qual Ricardo fugira, instaura uma separação entre ambos. O espaço (ainda não nomeado) pelo e para o qual fugira é ainda representado como promessa de um futuro melhor, como possibilidade de ascensão social, em oposição ao engenho, visto sob o prisma da imobilidade, da impossibilidade de progresso. É tratando dessa fuga que o narrado termina o primeiro capítulo: “foi assim que o moleque deixou o engenho pela cidade” (REGO, 1935: 12). O espaço agora é nomeado claramente e a oposição se instaura claramente na narrativa. O moleque trocara a vida nos plantios de cana pelo burburinho da cidade grande.

A discrepância entre engenho e cidade é reforçada quando Ricardo chega ao Recife, após os deslumbramentos iniciais com tantas luzes, bondes, automóveis e pessoas. “Ricardo encontrou outra vida. O povo era outro. Na rua onde morava não havia Casa Grande. Todas as casas eram pequenas. E também o grito do coronel não se ouvia. A voz de mando era diferente. De dia allí só existia menino e mulher” (REGO, 1935: 17). O narrador agora radicaliza a oposição entre engenho e urbe, na medida em que mostra uma série de elementos destoantes entre esses dois espaços. Em vez de Casa Grande, casas pequenas no Recife, ao invés de homens trabalhando no sol quente sob a vista de todos e sob os gritos do senhor de engenho, avistava-se somente crianças e mulheres, seres confinados à esfera privada. Por isso a expressão “outra vida” encontrada.

Após a chegada à capital Pernambucana, Ricardo encontrara emprego em uma residência, onde fazia serviços domésticos em troca de casa e comida. Eis o que nos diz a voz narrativa acerca da rua da casa onde o moleque ganhava seus primeiros anos no Recife:

Aquella rua era diferente daquela onde nascera e se criara. A velha senzala do engenho era muda. Só aquele bater de boca, de noitinha. Agora a cousa era outra. A rua do Arame agachada, com as biqueiras encostando no chão, mulheres brigando com os maridos, fallava outra língua mais áspera, mais forte (REGO, 1935: 19).

A diferença espacial é tamanha que aparece agora o estranhamento. Ricardo vivia uma outra vida em um espaço radicalmente diferente, ao ponto de estranhar as práticas sociais da nova realidade. O barulho da cidade, a polifonia de vozes e a quebra da relação hierárquica entre homem e mulher se afiguram ao moleque como algo estranho, inusitado, novo, contrastando-se mais uma vez com a realidade do banguê, representado como lugar silencioso, calmo, sem barulho e agitação, onde as relações sociais eram hierárquicas, porém harmônicas e respeitadas. É a diferença entre os dois espaços que produz o estranhamento no moleque.

Dessa forma, engenho e cidade aparecem como duas espacialidades fundamentalmente distintas. A cidade não só se situa além do engenho, como abriga outras práticas sociais e possui outras características. A paisagem da cidade, marcada

por casas padronizadas, automóveis, bondes e um “mar de pessoas” eufóricas, contraria a paisagem simples e pacata do engenho. As passagens retiradas do romance mostram uma clara operação de *demarcação de fronteiras* (SAID, 2007: 91), ou seja, estabelecimento de diferenças ontológicas entre dois espaços. É sempre em termos de antítese que *O moleque Ricardo* representa o Santa Rosa e o Recife. Por isso as comparações feitas frequentemente. José Lins “distancializa” essas duas espacialidades, ao ponto de emergir na narrativa o estranhamento do personagem em relação à cidade.

Além de separar claramente banguê e Recife, outros elementos da narrativa literária fabricam a diferença entre essas duas espacialidades. Trata-se das constantes valorações feitas tanto ao engenho quanto à cidade. É possível observar tal fato quando o narrador fala sobre a adaptação do protagonista àquele novo espaço. Estabilizado no Recife, trabalhando em uma padaria como entregador de pães, Ricardo fazia algumas amizades. E um dos seus amigos é Florêncio, homem empolgado com as ideias operárias. Sobre a família do amigo de trabalho de Ricardo, conta-nos o narrador que

Aquella gente passava mesmo necessidade. Alli elles tinham que comprar tudo, pagavam o casebre onde moravam. Peor que no engenho. Elles passavam mais fome que no engenho. Lá pelo menos plantavam para comer, tinham suas espigas de milho, a sua fava para encher a barriga. No Recife tudo se comprava (REGO, 1935: 48).

Percebemos acima algo novo. Além da diferença entre engenho e cidade, da distância entre esses dois espaços (o engenho é lá, ou seja, distante da cidade, que é o próximo, o ali), observamos uma valoração espacial, isto é, a um espaço é atribuído um valor, uma qualidade superior em relação ao outro espaço. No Recife era bem fácil passar fome, carecer das necessidades de alimentação. Nesta cidade, se paga para comer, para saciar a fome, assim como se paga também para se ter uma casa onde morar. Por conseguinte, seria pior que no engenho, espaço onde não se passa fome e se tem abrigo certo.

A elaboração de juízos de valor sobre os espaços descritos na narrativa continuam, como pode-se observar no seguinte trecho: “Ricardo ficou com o pensamento na casa de Florêncio. Os meninos eram amarellos como os do engenho, mas eram mais infelizes. Lá elles tinham o rio e a capoeira para entreter os vermes e o

impaludismo” (REGO, 1935: 49). Tal afirmação nos remete para a oposição entre sociedade burguesa e sociedade patriarcal, esta representada como acolhedora, supridora das carências mais básicas do ser humano, paternalista, onde a vida é mais fácil do que nos centros urbanos, espaço regido pelo capital. José Lins tematiza aqui uma ideia que seria mais bem trabalhada por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos* (1936), mas já exposta pelo sociólogo de Apipucos em 1925, no artigo *Vida social no nordeste (1825-1925)*⁵. Tanto Freyre quanto José Lins estão reagindo contra o processo de urbanização que, já nos anos 1930, no Brasil, se desenhava com contornos mais claros. O senso do IBGE de 1940 indicou que a migração do campo para a cidade, embora ainda pequena, começava a ganhar certa consistência. A cidade, que só supera o campo, em termos populacionais, no Brasil por volta de 1970, já assustava alguns indivíduos desde as décadas iniciais do século XX (MARTINE, 1992).

Segundo Freyre, o trabalhador teria uma vida melhor nos engenhos senhoriais nordestinos do que nos centros urbanos, pois para os patrões citadinos o homem não passava de uma mão de obra, peça para um serviço, por isso não havia a preocupação em fornecer casa, comida e roupas, como havia nas grandes propriedades agrárias nordestinas, mas tão somente a obrigação de pagar um salário. Endossando essa perspectiva, temos a seguinte passagem: “os fomalheiros do engenho tinham vida melhor, seis meses de folga, seis meses sem bagaço para empurrar de fomalha adentro. E fogo de bocca de fomalha não se comparava com aquelle forno de padaria” (REGO, 1934: 54). Como se observa, a vida no engenho é mais mansa, preferível que na cidade, local onde não se preocupam muito com o trabalhador.

À diferencia entre engenho e cidade, acrescenta-se agora a inferioridade deste em relação àquele. Por isso que um dos significados atribuídos a segunda espacialidade é a miséria. Esta seria uma das marcas distintivas da capital Pernambucana. Boa parte das ruas recifenses é representada em meio ao lamaçal do mangue, urubus e excrementos. Inclusive, uma das principais ruas no romance é chamada de Rua da Lama. Vejamos uma passagem exemplar, da cidade como espaço da miséria: “meninos

⁵ Em 1941 este artigo integrou o livro *Região e Tradição*, de Gilberto Freyre, com o título *Aspectos de um século de transição no nordeste brasileiro*. A obra contou com prefácio de José Lins. Ver: FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Record, 1968, pp. 21-37

e mulheres em casa roendo patas de caranguejo, cheirando mangue, tomando banho junto dos escrementos. Os urubús voando por cima delles. Todos eram iguaes” (REGO, 1935, 274). É sob o signo da pobreza e da sujeira que o narrador representa a urbe recifense.

Portanto, engenho e cidade são representados como duas espacialidades distintas, sendo a primeira superior à segunda. Na correlação estabelecida entre os dois espaços, o banguê sempre é colocado como melhor. E mais: não há nenhum elemento no banguê senhorial que o aproxime da capital Pernambucana. As duas espacialidades nunca se encontram no romance, jamais se afirma uma igualdade. A relação entre as espacialidades, re-apresentadas por José Lins, é feita sempre em termos de oposição, de afastamento e sobreposição de uma em detrimento da outra. Na *geografia imaginativa* que enforma o romance há uma nítida fissura entre o espaço de origem do moleque e o espaço para o qual fugira. A representação da cidade do Recife, que investigaremos a seguir, surge também para afirmar ainda mais a fenda entre engenho e urbe, mas, sobretudo, para definir uma identidade espacial pelo contraste de outro espaço. É o que veremos a seguir: a identidade espacial pela representação de um outro espaço.

Entre Espaços: a Identidade do Engenho pela Representação Negativa da Cidade

Em *O moleque Ricardo*, percebemos uma representação constante do Recife. A história do moleque Ricardo se cruza com as movimentações da classe trabalhadora, que no Recife das primeiras décadas do século XX tinha sua irrupção. Em um primeiro momento, podemos dizer que a atuação do operariado constitui o pano de fundo do romance. No entanto, é justamente a partir da ação dos proletários pernambucanos que José Lins encena uma representação da cidade do Recife. A chave para entendermos o principal significado atribuído à cidade reside justamente nos protestos e greves que eram comandados por Dr. Pestana, protótipo de Joaquim Pimenta⁶.

É interessante pontuarmos que em todo o romance aqui discutido, existe uma postura cética em relação ao movimento operário. O ceticismo sobre a capacidade

⁶ Jurista, professor da Faculdade de Direito do Recife e político brasileiro (1886-1963), tido como um dos pioneiros do movimento trabalhista no Brasil. Ver: BARROS, Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Recife: Fundação de cultura, 1985, pp. 75-84.

política da classe proletária recifense aparece na própria história de vida do romancista, que nunca foi muito ligado a movimentos de Esquerda nem tampouco operário⁷. José Lins pouca atenção deu ao movimento operário e tendeu mais a se ligar a movimentos conservadores, como o Regionalista-Tradicionalista de 1926. Assim como o personagem Ricardo, que “não acreditava nos sonhos proletários”, parece ter sido também José Lins. Esta descrença utópica do autor vazou para sua obra literária.

O narrador assim comenta o início das ações operárias: “sociedades de trabalhadores se organizavam por todos os cantos do Recife. E a casa do chefe na Rua do Imperador parecia um quartel-general” (REGO, 1935: 78). Vemos aqui já um anúncio para o que irá acontecer nas páginas seguintes. A residência do líder do proletariado estava preparada para dar ordens e se defender de ataques. E a caracterização continua: “O operariado continuava agitado. O doutor Pestana se alliaira com os políticos contra o governo federal. A cidade estava em pé de guerra” (REGO, 1935: 78). Muito habilmente, o narrador começa mostrando a preparação para o conflito: “Fallava-se em bomba de dynamite esperando a hora. A um sinal dado, não ficava pedra sobre pedra. A cidade dormia todas as noites na expectativa do choque terrível” (REGO, 1935: 79)

Um clima de guerra já vai se anunciando na história. O narrador vai preparando o leitor para o que irá acontecer. E com isso a cidade vai sendo representada como o espaço do conflito iminente, da luta que pode vir a qualquer hora. No meio urbano, não havia lugar para o sossego, para a tranquilidade, pois “toda noite Ricardo dormia esperando o tiroteio. Pela cidade havia mais de dois mil homens no rifle” (REGO, 1935, 81.) Uma tensão vai pairando sobre a cidade, instaurando a insegurança, o receio, o medo. Um clima amedrontador vai sendo urdido pelo narrador para caracterizar o Recife. Nesse clima sombrio, eis que aparece na mente do personagem principal o engenho, como símbolo de segurança, paz e tranquilidade: “Ricardo sem saber o que estava pensando. Depois via que era no engenho, no Santa Rosa. Até tinha vontade de estar naquella hora na “rua” com os irmãos e mãe Avelina” (REGO, 1935: 83) O banguê de infância emerge na narrativa romanesca como o elemento tranquilizador,

⁷ No início dos anos 1930, José Lins chegou a se filiar ao movimento integralista. Quando torna-se amigo de Graciliano Ramos, a pedido deste abandona tal agremiação.

apaziguador da tensão social que rondava a cidade, prestes a receber um grande conflito. Na lembrança do engenho, o moleque Ricardo encontrava repouso sossegado. Dessa maneira, o passado é ressuscitado para salvar o presente, uma vez que este se apresenta como aterrorizador. Até que, sem muita demora, o conflito anunciado aparece: inicia-se a guerra que sacudiria toda a cidade.

Mesmo com todo clima de tensão anunciado, o conflito entre proletariado e Estado surge como algo inesperado, de uma maneira imprevista.

O primeiro trem de Recife não tinha descido. O povo acordava mais cedo e os comentários se sucediam sem certeza de coisa nenhuma. Uns tinham ouvido por volta da meia-noite uns estrondos como se fossem de canhão. Outros perceberam uma descarga de fusilaria. [...] O exército sahira para atacar os operários do Jornal do Povo e houve muita morte. Não se sabia ao certo o número de mortos, mas a Assistência trabalhava desde manhã atrás de feridos (REGO, 1935: 102).

Na cidade, caracterizada pela imprevisão, até o conflito anunciado surge de maneira repentina, deixando a população incerta. O embate entre proletários e Estado é mostrado como uma guerra civil, vide a presença de elementos como rifles e canhões e até de uma Assistência para tratar dos feridos. O combate dos operários com o Estado é retratado como uma guerra entre dois grupos muito bem armados que, entrando em conflito, deixariam muitos necessitados de ajuda médica e outros tantos mortos. O quadro montado é de uma grande guerra.

Como um grande conflito citadino, a luta do operariado parava o Recife, fazia toda a população se refugiar dentro de suas casas, único abrigo em momentos de intenso tumulto. “Ainda pelas 8 horas ouviam-se descargas de fuzil. E o alarme continuava. O exército ocupava o centro da cidade, mas os operários e a polícia resistiam dos sobrados. O povo não saía mais na rua. Mulheres, meninos, os homens, não iam para o trabalho. O comércio fechava as portas” (REGO, 1935: 103). O receio do combate entre os dois grupos rivais ia parando a vida da cidade, para só se ver e ouvir tiros. O quadro do conflito vai se ampliando nas páginas do romance, aumentando o número de mortos, a destruição na cidade e o medo da população:

As notícias de barulho espalhavam-se por toda a parte. Os bondes de Olinda passavam vasios. Ninguém se arriscava a sair de casa. Praças

embaladas pelo centro da cidade. De um sobrado da Rua Nova fizeram fogo para a guarda que vinha da cadeia. O tiroteio durou pouco, mas quatro mortos ficaram estendidos na praça Joaquim Nabuco. Na Rua Imperial, força do Exército atirara para um automóvel, matando um rapaz que nada tinha a ver com a luta. Um coronel do Exército fora alvejado pelas suas próprias forças (REGO, 1935: 191).

Ninguém estava seguro na cidade, com a irrupção da luta operária. A morte alcançava a todos, não respeitava quem estava ou não envolvido no combate.

Desse modo, a representação que José Lins, a partir da voz narrativa (nesse momento, autor e narrador parecem se equipararem), faz do Recife dos anos 1920, período em que cursava Ciências Jurídicas nesta cidade, é de um espaço marcado pelo acirramento da luta entre as classes. A cidade se afigura como um palco onde as classes sociais entram em cena para reivindicar seus direitos, levando a sociedade ao conflito. Não há harmonia social nem tampouco auxílio e solidariedade entre os homens, como existia no engenho, mas sim conflitos e mais conflitos. Não nos cabe aqui averiguar se essa representação é ou não verdadeira, se condiz ou não com a realidade, pois a representação se legitima pela crença, pela racionalidade que a estrutura e organiza, e não pela comprovação ou fidedignidade real com um referente. As representações não espelham mimeticamente o mundo (SAID, 2007: 320).

A crítica literária, em sua quase maioria, tem visto toda essa descrição da cidade apenas como um registro da realidade. José Lins, autor de livros de memória, não estava fazendo nada mais do que documentar imparcialmente o conflito operário no Recife, aponta, por exemplo, José Aderaldo, principal estudioso da obra de José Lins (CASTELO, 1961: 159).⁸ Para nós, entretanto, toda essa descrição conflituosa da cidade não consiste somente em uma atitude de registro, mas sim em uma postura de atribuição de um determinado sentido a um dado espaço, fazendo-o estabelecer uma relação de contraste com um outro.

⁸ A tese de livre docência deste crítico literário, publicado em 1961, é considerada até o hoje o grande estudo sobre a vida e obra de José Lins do Rego. Nela José Aderaldo procura fazer uma apreciação de toda a produção literária de José Lins, publicado por este até sua morte, em 1957. Ver: CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*, São Paulo: Edart, 1961.

Acreditamos que as diversas passagens aqui mostradas procuram representar o cenário urbano como “espaço do conflito”, isto é, como um espaço marcado pela desunião, pela desordem e ódio entre os homens. A título de exemplificação, surgem na obra frases como esta: “havia nas palavras dos companheiros ódio aos ricos, aos brancos” (REGO, 1935: 130). Como bem percebeu Durval Muniz de Albuquerque Junior, as representações sobre o operariado constroem a cidade como “lugar do acirramento, das rivalidades e disputas entres os homens” (ALBUQUERQUER JR, 2009: 153).

Boa parte das análises sobre a produção romanesca ora em discussão não atentaram para o fato de que José Lins destilou severas críticas a cidades como Recife, isto é, urbes que tinham passado por um processo de modernização. Sem dúvida, o literato paraibano não foi um daqueles indivíduos que se deslumbraram com a grandiosidade da cidade moderna. Em vez disso, podemos dizer que foi um detrator, ou seja, alguém que desferiu golpes ferrenhos aos vários aspectos da urbe moderna (SILVA: 99). Para constatar tal postura, vale expor este trecho de uma crônica do próprio autor, datada de 1942:

É que a cidade vai crescendo sem ver o homem, e o homem se perde na cidade, em vez de nela se integrar. Os edifícios coletivos separam os homens em células de presídio. O homem ali é mais individualista, mais só, mais separado do mundo, de cima do seu apartamento. Perde o contato com a terra, vê as árvores de cima para baixo. Tudo isto pode ser pratico. Mas é estúpido (REGO, 1942: 297).

Passados menos de dez anos da publicação de *O moleque Ricardo*, seu autor ainda demonstra uma censura ao meio urbano, visto como um espaço onde a solidão grassa mais facilmente, onde não há uma integração entre homem e natureza. As medidas do urbanismo moderno parecem não encontrar acolhimento no regionalista-tradicionista José Lins. A citação acima traz novamente uma ideia cara em *O moleque Ricardo*: o homem se perde na cidade. Assim, o realismo de José Lins, presente neste romance, precisa ser relacionado à sua recriminação da cidade.

Se não negamos o que seria a intenção realista do romancista paraibano, pensamos, no entanto, que sua narrativa é muito mais do que mero registro documental

da realidade: ela constrói representações para os espaços, re-apresentações essas que irão compor a identidade destes mesmos espaços. O que nos parece estar em jogo é uma representação que grifa o conflito como marca essencial da cidade. Ao escrever seu romance, José Lins não está preocupado com o simples relato dos fatos. Há um desejo de identificar a cidade do Recife com a luta, com a disputa beligerante entre os homens e o ódio entre as classes. Vem daí a necessidade de uma descrição realista da urbe, pois “a política está em toda parte. Não pode haver escape para o reino da arte e do pensamento puro, nem para o reino da objetividade desinteressada ou da teoria transcendental” (SAID, 2005: 35). O realismo de José Lins não foi de modo algum um recurso inocente, desinteressado. O mesmo pode se dizer de sua obra literária, marcada por uma valorização excessiva do passado, sempre colocado como melhor do que o presente. Em quase todas as produções literárias de José Lins, o horizonte de expectativa (futuro) é dominado pelo espaço de experiência (passado).

Um dado que fortalece nossa argumentação é o fato de o romance ter sido escrito em 3º pessoa. Os romances anteriores de José Lins, cuja centralidade era o engenho, foram narrados em 1º pessoa. Quando se trata do engenho, há uma clara identificação entre autor, narrador, personagem e espaço, coincidência essa que não ocorre com *O moleque Ricardo*. Por que observamos uma distância do autor/narrador em relação ao espaço narrado? Segundo Carlo Ginzburg, a distância é, muitas vezes, precondição da crítica, é antepasso de uma postura que não quer se aproximar, se identificar com o objeto. Só se distancia quem quer lançar olhos mais críticos, questionadores, quando não acusatórios (GINZBURG, 2001: 16-42). Desse modo, a atitude de José Lins, ao narrar em 3º pessoa, nos parece algo mais do que um mero recurso literário, podendo ser visto com uma atitude de não empatia com o espaço narrado, a cidade do Recife. Ao não se misturar com os personagens e espaço do romance, como ocorreram nos livros anteriores, o autor/narrador indicia sua resistência em relação à cidade.

A literatura para nós não é uma atividade desinteressada, mero deleite de uma mente criativa, mas sim instrumento de luta pelas significações dos espaços. Seguimos Said quando este afirma que “nenhum de nós está totalmente ausente da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e

canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações” (SAID, 1995: 38). Representar a cidade pela via do conflito entre os grupos revela-se, assim, como um instrumento vital para a identidade deste mesmo espaço. É a partir das representações que percebemos e vivemos o espaço, que o vemos e o sentimos. Daí a validade das narrativas que re-apresentam os espaços; elas têm poderes constitutivos.

A representação negativa da cidade, encenada como espaço do conflito entre os homens, é feita para afirmar a diferença do engenho, espaço onde “até o grito de mando é diferente” (REGO, 1935: 24) e a cidade. Até os sonhos dos homens no banguê – “sonhava-se era com chuva pro roçado e a festa dos santos” - atesta a dissimilitude com a cidade, espaço povoado por sonhos de revolução, igualdade entre os homens e de tomada de poder (Ibid.: 68). Ao fornecer uma representação espacial que contrasta com o banguê, José Lins acaba solidificando a identidade deste espaço, visto como tudo aquilo que a cidade não é, pois a produção identitária também depende de um outro, define-se em uma relação de alteridade.

O enredo que o romancista paraibano monta, de um moleque de engenho que sonhava com a cidade grande, mas que acabou vendo que seu sonho virou um pesadelo, ao ir preso para Fernando de Noronha, deixa claro a valorização do espaço de origem, que é o mesmo tanto para o autor quanto para o personagem principal. Os espaços possuem uma identidade, formada, entre outros elementos, pelas narrativas que o significam. As identidades espaciais dependem das narrativas que as engendram, pois, como nos lembra Said, a posse de qualquer território não se dá apenas fisicamente, mas também discursivamente, dizendo o que é, o que significa tal território (SAID, 1995: 37, 38). A criação de um outro, de um espaço diferente, é cimento que edifica uma identidade espacial por contraste. É assim que a representação negativa do Recife serve para afirmar a identidade do engenho.

Considerações Finais

No imaginário brasileiro, durante muito tempo uma das oposições que apareciam como mais evidente, quase inquestionável, foi a dicotomia campo X cidade. Em diversos discursos e práticas sociais, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX, aqueles dois espaços foram tomados como universos radicalmente distintos. Sem dúvida, essa demarcação foi social e historicamente instituída, e um dos elementos determinantes para tal instituição foram os vários romances que tomaram a diferença entre o rural e o urbano como algo já dado, como uma marca essencial da realidade brasileira no século passado. Romancistas como Lima Barreto, Coelho Neto, Amando Fontes, Ribeiro Couto e outros contribuíram para a cisão entre campo e cidade. O romance *O moleque Ricardo*, onde investigamos aqui a produção da alteridade espacial, se insere também nessas narrativas que cavaram o fosso entre aqueles dois espaços.

Contudo, José Lins não foi apenas um mero continuador de discursos, literato à reboque de movimentos discursivos que corriam em uma época. Sua representação negativa da cidade, encenada como espaço do conflito, guarda especificidades, as quais se relacionam com sua trajetória de vida. Se é certo que seu romance de 1935 guarda uma marca social, é certo também que traz em si traços individuais. Todo romance tem uma tripla filiação; texto, autor e a sociedade, de modo que “nenhuma leitura deveria tentar generalizar a ponto de apagar a identidade de um texto, um autor ou um movimento particular” (Ibid.: 47). Generalizaríamos se disséssemos apenas que o romance de José Lins foi simplesmente mais um discurso que detratou a cidade, em detrimento do enaltecimento do campo. Para nós, há uma particularidade no romance aqui analisado, a qual tem a ver com o próprio autor. Quando se trata de obras literárias, a questão da autoria deve ser levada em conta (SAID, 2007: 51).

A oposição campo x cidade se particulariza no romance *O moleque Ricardo*, para se transfigurar na dicotomia Santa Rosa X Recife. Não é tanto o rural de um modo geral, pensado como uma grande comunidade campestre e humanitária, mas sim um espaço específico desse rural: o engenho de infância de José Lins. Temos que ter em mente que a produção literária de 1935 deste autor faz parte de um enredo maior, onde o literato parece estar contando a história do seu espaço de origem, o banguê do seu avô, que tem seu fim definitivo em *Usina (1936)*, no qual o engenho sucumbe à modernização que invade a terra. Não custa lembrarmos que *O moleque Ricardo* se

insere no “ciclo da cana de açúcar”, o qual ficcionou o apogeu e derrocada do engenho Santa Rosa. Desde *Menino de engenho* (1932) até *Usina* (1936) o banguê é espacialidade-personagem principal.

Desse modo, a preocupação de José Lins nos seus primeiros romances é com o engenho, mesmo quando a história não se passa nele. Foi esse um dos pressupostos que nos levou a discutir a cidade como outro do engenho, como espacialidade representada para afirmar a identidade deste espaço. A identidade, seja de uma pessoa, sociedade ou espaço, também se afirma pela/na diferença. Construir uma identidade espacial, tecer os caracteres de uma espacialidade, definir suas cores e imagens, implica ter em vista uma alteridade, para lhe servir de contraponto e, assim, se afirmar com mais clareza. Foi justamente esse jogo entre espaços, entre engenho e cidade, na luta pela identidade espacial, que tentamos mostrar nas breves linhas agora finalizadas.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4º Ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009.

BARROS, Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Recife: Fundação de cultura, 1985.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

FREYRE, Gilberto. Vida social no Nordeste (1825-1925). In: FREYRE, Gilberto (Org.). *Livro do Nordeste*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1970 (versão fac-similar do original de 1925).

GINZBURG, Carlo. Estranhamento: pré-história de um procedimento literário. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão – São Paulo: Cia. Das Letras, 2001, 16-42.

MARTINE, George. *Processos recentes de concentração e desconcentração urbana no Brasil: determinantes e implicações*. Documento de Trabalho - no. 11, ISPN, abril de 1992.

REGO, José Lins do. PREFÁCIO DE JOSÉ LINS DO REGO. In: FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Record, 1968, p. 21-37.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. 8º Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos*: histórias da cidade de Recife na década de 20. Recife: Fundarpe.

SAID, E. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, E. *Representação do Intelectual*: as Conferências Reihit de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Maurício. Passadistas e saudosistas. *Revista Ci & Tróp.*, Recife, v. 25, n. 2, p. 281-299, Jul/Dez., 1999.

Recebido em 25 de Agosto 2013/

Aprovado em 18 de Novembro 2013.